



Saúde, instrução e produção

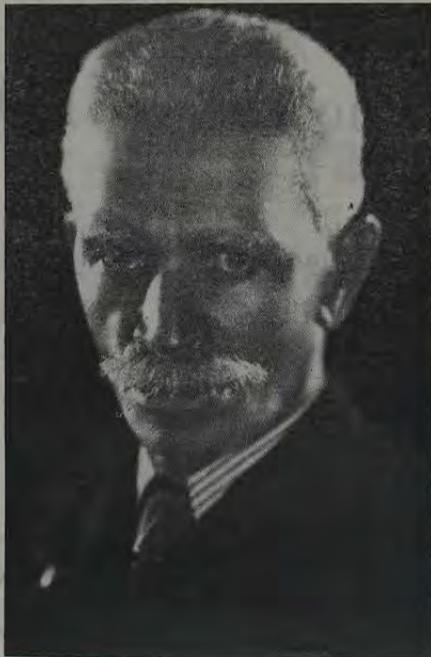
O PRIMEIRO NÚMERO

Desse modo, amigos e admiradores de Silvino de Azeredo, apoiando-o incondicionalmente, escreveram no CORREIO DA LAVOURA desde os primeiros números, distinguindo-se os drs. Marques Canário e Dias Martins, Prof. Serafim Barbosa e Alfredo Jardim, Prof. Edmundo Galvão e Silvino Silveira, Dr. Oscar da Pena Fontenele e Luiz Alves Cavalcanti, Humberto Calmo e Eugênio Rêis (Hélio), Dr. Alvaro Moltinho e o poeta Pedro Pujol, valendo ressaltar que Alfredo Jardim e Silvino Silveira, aquele assinando a *Cômoda* e este o *A Lápiz*, foram por longo tempo os mais assíduos com sua valiosa e preciosa colaboração.

A unidade de pensamento na equipe do CORREIO DA LAVOURA, a força de vontade e o idealismo de seu diretor, para espanto e admiração de muitos, superaram todos os obstáculos. E os bons frutos estão, duradouros no tempo e no espaço, porque a femente se planejou com todo o amor e muita esperança, amor à terra e à gente, e esperança no futuro grandioso deste Município.

"Fundei este jornal — disse certa vez o saudoso jornalista Silvino de Azeredo, respondendo à pergunta de instrutor educador baiano — para defender três coisas fundamentais: saúde, instrução e produção. Um povo sem saúde não pode se instruir nem produzir."

E na bandeira que desfilou nesse sentido ele inscreveu um nome: CORREIO DA LAVOURA.



Muita gente ainda hoje, decorridos seis lustros, pergunta porque Silvino de Azeredo fundou este semanário com o título de CORREIO DA LAVOURA, sem as características de um órgão especializado em agricultura, dedicado exclusivamente à vida e aos interesses do homem do campo.

Vale dizer, para compreensão de seu ponto de vista, que o ex-funcionário das Capatazias da Alfândega do Rio de Janeiro, radicado havia menos de uma década aqui na velha Maxambomba com sua família, procedente do distrito vassourense de Pati do Alferes, além de hoteleiro e professor primário, tinha sido também lavrador em sítios e fazendas à margem da Linha Auxiliar. Furo idealista que, cultuando a honra, a verdade e justiça, vivia a sonhar também com o progresso e, consequentemente, com o aumento da riqueza de sua terra, na esperança de os governos darem prioridade aos problemas ligados à saúde, à instrução e à produção. Povo com saúde e instruído — dizia — é povo que pode enriquecer e dignificar um Município, um Estado, uma Nação.

O iguaçuano Silvino de Azeredo, aos 58 anos, com os encargos e a responsabilidade que lhe deixava numerosa prole, adotou um filho, este jornal, nascido como que das cinzas do periódico "O Iguaçu", ao preço de um conto e quinhentos mil réis. Um filho temporário que seria, até o fim da vida desse batalhador pela evolução intelectual, moral e material de Nova Iguaçu, a *menina de seus olhos*.

Sem querer fugir absolutamente aos seus objetivos de ser o arauto das aspirações do Município e de seus habitantes em geral, a situação precária em que vivia o agricultor nesta região da Baixada Fluminense, lutando contra tudo e quase todos no seu empenho de trabalhar a terra e produzir economicamente, comoveu Silvino de Azeredo e daí prevalecer nele a ideia do título para o jornal que começava a sua trajetória sem a mínima possibilidade, para muitos, de longa sobrevivência, quando tantos outros, tinham surgido aqui e logo desaparecido sem deixarem expressivamente a marca de sua presença, de sua luta em benefício da comunidade. Ainda mais para um jornal assim apolítico-partidário, com a intenção de manter-se independente.

Foi isso aí. Como se preocupou com os problemas municipais, como lutou e sofreu, como se empenhou apaixonadamente Silvino de Azeredo por sua terra e sua gente só Deus sabe.

— Olhem o Lavoureira! Olhem o Estrada de Rodagem! Sobranchando a sua pasta, lá vem o homenzinho que diz e afirma que Nova Iguaçu será um dia a sala de visitas da capital da República!

Assim se expressava às vezes, entre amigos políticos, o Prefeito da cidade, Dr. Otávio Ascoli que não avaliava nem compreendia devidamente a perseverança, a exemplificação no trabalho honesto de Silvino de Azeredo, que procurava incessantemente atingir os seus ideais patrióticos.

Não se punha apenas a sonhar, Batia-se através da pena, nas colunas de seu jornal, e da palavra entusiasta pela evolução e grandeza de Nova Iguaçu em todos os setores de sua atividade.

E conseguiu, a sua roda, sensibilizar muita gente de boa vontade, e foi ajudado em seus propósitos. Além de Silvino de Azeredo Filho, seu braço direito, tanto na redação como nas oficinas, dedicados colaboradores valorizaram as colunas do jornal com sua inteligência, sua cultura e prestígio que gozavam na comunidade iguaçuana.

Silvino de Azeredo, nascido na velha Maxambomba desde 1908, fundou o CORREIO DA LAVOURA, semanário independente instituído em sociedade anônima, a 22 de março de 1917, instalando-se sua redação e oficinas na Praça Ministro Seabra, hoje Praça da Liberdade. Circulação às quintas-feiras e o primeiro número, no formato de 0,47 x 0,32, saiu com quatro páginas. Em continuação ao jornal "O Iguaçu". Quanto à assinatura, recebe o expediente: Ano, 58000; semestre, 29.35000; trimestre, 15500; número \$100.

Objetivo do jornal "... concorrer, à medida de suas forças e cheio de boa vontade, para o progresso intelectual, moral e material deste Município, de cujo alto interesse se tornará valente defensor". E mais: "Em suas colunas será consagrado o melhor culto à honra, à verdade e à justiça, manifestando-se com certidão sobre todos os assuntos de interesse público. Será um jornal sério, próprio para o interior, adequado aos pequenos povoados que vivem em família, dedicado mais ao nobre e honrado lavrador — ente feliz e independente — que à divisa deste jornal".

Aparecem no jornal colaborações especiais assinadas pelos Drs. Marques Canário e Dias Martins, Alfredo Jardim e S. Barbosa.

Anúncios de médicos (Marques Canário, Belo Amorim e Sales Toizeira), de advogado (Manoel Reis), de tabelião (França Soares) e de dentista (Coltino de Rezende).

Anúncios ainda de estabelecimentos comerciais, industriais e de ensino, como o Curso Barbosa, dirigido pelo Prof. Serafim Barbosa. Anotam-se: Cooperativa Bomfim, de Oliveira & Filhos; Estrela de Ouro, de Antônio Pereira Dias; Instalações Elétricas, de Moacir Nogueira; Farmácias Santo Antônio e Fluminense, respectivamente dos farmacêuticos José Lopes de Castro e Sebastião Herculano de Matos; Grande Armazém de Aguardente, de Francisco Gentil Baroni; Açúcar União, sito em frente do Cinema Modelo; Serraria, de Luiz Ribeiro de Lima; Café Recreio, de Ealcão & Irmão; Padaria e Confeitaria Santo Antônio, de Delfim Lourenço & Irmão; Companhia de Materiais de Construção, de Ludolf & Ludolf; e Serralheria Maxambomba, de Alfredo Gomes Lavinhas (Alique).

Editado assinado pelo Juiz de Direito, Dr. José Augusto de Godoy e Vasconcelos, fazendo saber que, em petição, João Leopoldo Modesto Leal (Conde Modesto Leal) pediu o registro de suas propriedades, adquiridas a Anna Carolina de Saldanha da Gama, Condessa de Aljezur, imóveis componentes do antigo Morgado de Marapeçu e terras anexas, figurando nas escrituras com as denominações de Tingui, Poços, Curral Novo, Queimados e Rio Douro.

Notícia principal: Nascimento da menina Avelina, caçula do casal Silvino de Azeredo—Avelina Martins de Azeredo.

Aparecimento nesta cidade do jornal "A Defesa", do jornalista Esdra de Moura Magalhães.

Criação pela Prefeitura do Curso de Aulas Noturnas, para adultos e crianças, sob a direção de Silvino de Azeredo Filho.

Grandiosa festa na Igreja de Santo Antônio, promovida por um grupo de senhoritas da sociedade local. Realização da imagem do patriarca São José, parainfando a solenidade o Juiz de Direito da Comarca, Dr. José Augusto de Godoy e Vasconcelos, juntamente com os srss. José Esteves Pena Firme, Cel. José Lopes de Castro, José Baptistoni, José Soares e José Patrício. Santa missa celebrada pelo vigário da Paróquia, acolhido pelo Juiz de Direito da Comarca. Orador sacro, Pe. Jaime Gonçalves Ferreira. Procissão e leilão de prendas. Festa encantadora que reuniu a família católica iguaçuana.

A Igreja da Baixada é marcada pelo sofrimento

(Página 3)

Colégio Leopoldo marca o início do desenvolvimento escolar do Município

(Página 2)

Leia e assinhe o CORREIO DA LAVOURA

JOSÉ FRÓES MACHADO
CARLOS MANNHES
NELSON SOARES

ADVOGADOS

DIARIAMENTE DAS 9 AS 12 HS

AV. NUNO DE ALENCASTRO, 151
SALA 202 - NOVA IGUAÇU
FONE 2108-2207

Colégio Leopoldo marca o início do desenvolvimento escolar do Município

Ao longo dos seus sessenta anos de funcionamento, o CORREIO DA LAVOURA testemunhou a criação e o desenvolvimento de inúmeros órgãos e entidades voltados para a Cultura, em geral, e para a Educação, em particular.

Jornais e revistas que tiveram duração efêmera, ou, em alguns casos, dilatada, são referidos em outra parte deste Suplemento. Diversas instituições de caráter cultural aqui viveram e morreram durante estes sessenta anos da presença do CORREIO DA LAVOURA.

Também a cidade assistiu durante esse tempo ao surgimento, crescimento e muitas vezes à dissolução de diversos estabelecimentos voltados para a Educação. Alguns tiveram longa vida e ainda hoje estão presentes, atuando na sociedade iguaçuana. Muitos já atingiram a casa de um quarto de século e alguns estão próximos do cinquentenário.

IDEALISMO INTELLECTUAL E MORAL

O mais antigo dos atuais colégios iguaçuano, é o Colégio Leopoldo, fundado em 1910, isto é, treze anos apenas após a fundação deste jornal. Há quarenta e sete anos, portanto, o saudoso Professor Leopoldo Machado Barboza, que haveria de se distinguir também no campo da filantropia, torna-se o pioneiro no ensino secundário na Baixada Fluminense, organizando aquele que seria o primeiro ginásio não só de Nova Iguaçu, como de toda a região que compreende Duque de Caxias, S. João de Meriti,

Nilópolis e Paracambi.

Seus sucessores procuraram manter até hoje, com amor, carinho e respeito a diretriz de trabalho e honradez de seu fundador. "Os valores morais e intelectuais saídos da Casa de Leopoldo Machado, que se destacaram e se destacam em todos os setores de atividade humana, atestam brilhantemente o maravilhoso trabalho de quarenta e sete anos dedicados à grande Pátria Brasileira".

Não é preciso ir muito longe para colher os exemplos da afirmativa acima. Todos os recordam com saudade a brilhante figura de Mário Caullino Soares, admirável professor, fúcido cidadão e agudo observador da alma humana, de que nós deixamos notáveis exemplos em suas sempre bem humoradas crônicas tantas vezes publicadas no CORREIO DA LAVOURA.

Dos bancos do Colégio Leopoldo saíram figuras de grande relevo na vida iguaçuana e também elementos que se destacaram fora dos limites da cidade. Um deles, pelo menos, chegou a catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Professor Leodegário de Azevedo.

A FORÇA DA FE

Em 1934, "um humilde e querido servo de Deus convidado a Madre Geral da Congregação Imaculada Conceição de Bonlandem, para conhecer Nova Iguaçu". São palavras da Professora Dora Eulália Papaleo, veterana do magistério em Nova Iguaçu (comemorou 40 anos de magistério no dia 1.º de março de 1977)

e se refere ao sempre lembrado Pe. João Misch, o idealizador e grande incentivador do Instituto de Educação Santo Antonio, ou como é conhecido na cidade, Colégio das Irmãs.

Naquele ano distante o pároco de Nova Iguaçu fora até Barra do Piraj e conseguiu convencer a Madre Geral da Congregação a visitar Nova Iguaçu e ainda por sua insistência no ano seguinte iniciou o funcionamento do então Ginásio Santo Antonio.

Vieram para Nova Iguaçu as irmãs Maria Edeltrudis, Maria Gertrudis, Maria Inocência, Maria Régula, Maria Zebalda e Maria Thusnela. Destas ainda vivem a irmã Maria Gertrudis em repouso na cidade paulista de Itapevêria da Serra, e irmã Thusnela, ainda ativa e responsável pelo laboratório da Escola Irmã Thusnela era naquele longínquo 1935 uma jovem de menos de 20 anos.

A construção do colégio foi efetuada com a colaboração das tradicionais famílias iguaçuanas, na época ligadas ao cultivo e comércio de laranjas e com a contribuição generosa do povo iguaçuano em geral. Esta tradição de cooperação nunca esteve ausente do IESA e até hoje a cidade prestigia financeiramente a instituição. E' bem verdade que o IESA recebeu grande colaboração financeira do governo da Alemanha e que a Bayer colaborou para a instalação do laboratório. Mas a ajuda e o estímulo do povo iguaçuano foram realmente vitais para a escola.

Aliás, a presença da sociedade iguaçuana no IESA tem sido altamente significativa.

Naqueles tempos heroicos, encontrar professores categorizados era uma dificuldade. Desta forma inúmeros profissionais liberais da cidade participaram ativamente da escola, tanto no corpo docente quanto na administração.

Durante a guerra, tendo em vista que todas as irmãs eram alemãs, houve necessidade de um diretor brasileiro nato e quem naquela ocasião assumiu tal responsabilidade foi o Dr. Hildebrando Martins.

A partir de certo tempo, começam a se confundir as listas de alunos famosos e grandes professoras da escola. Assim é que, até hoje o IESA guarda doce recordação dos tempos de Maria Lygia Bragança de Assumpção, tanto como aluna, como quanto professora. A chefe da 3.ª Região Escolar, Professora Natividade de Patrício, ali se formou na La turma de normalistas e lá durante anos exerceu o magistério. A Professora Neiva Cunha, Diretora do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, igualmente, frequentou os bancos escolares e lecionou no Santo Antonio.

DISCIPLINA E RESPEITO

Já no folheto de propaganda pode-se ler: "O programa educacional do Colégio Iguaçuano visa a dar ao jovem uma preparação sólida fundamentada nos princípios morais e baseada na disciplina..." E é bem essa a imagem que tem ficado daquele que já foi Curso Iguaçu, Instituto Iguaçuano de Ensino, Ginásio Iguaçuano e que hoje se chama Colégio Iguaçuano.

As suas complicas das alunas, o cabelo curto dos alunos compõem uma imagem de tradicionalismo que alguns não hesitam em condenar como passadista ou reacionária. O certo é que mantendo esta longa tradição, recusando os modernismos passageiros ou não e garantindo um padrão eficiente de ensino, o Iguaçuano é um dos colégios mais cotados sobretudo no seio da classe média de Nova Iguaçu.

Tudo o material de publicação do colégio marca a sua inauguração em 1944, porém na realidade, ele foi organizado seis anos antes, em 1938 pelo Professor Joaquim Cardoso de Matos, com o nome de Curso Iguaçu, que o transferiu ao casal Leonardo Carriello de Almeida. Apesar de continuar utilizando as mesmas instalações da Rua Marechal Floriano Peixoto, 2.514, teve o seu nome mudado para Instituto Iguaçuano de Ensino.

Dali transferiu-se para a sua sede própria na Rua Bernardino Melo onde até hoje se encontra e onde expandiu o seu patrimônio, que hoje compreende prédios de salas de aulas, área coberta de 600 m², ginásio de esportes, laboratório, salas especiais, área de jardim de infância etc.

Desde que passou às suas novas instalações o Iguaçuano já mudou sua designação duas vezes. Em 1954, instalou o Curso Ginásio passando a denominar-se Ginásio Iguaçu e em 1962 implantou o ensino de 2.º grau, com a denominação de Colégio Iguaçuano. Em 1967 foi instituído o curso de formação de professores, fundando sua Escola Normal.

Tem diplomado ao longo desses anos milhares de alunos, que hoje se destacam nas mais diversas atividades da vida nacional, na Medicina, na Engenharia, na Música, no Magistério, na Política, nas Letras e nas Artes. Embora a direção não quisesse citar nomes afirmou: "Com uma filosofia de trabalho diferente conseguiu fazer com que seus alunos sejam conscientemente disciplinados e plenamente responsáveis".

O rigor disciplinar do Iguaçuano tem sido questionado, mas seus resultados têm agradado suficientemente, o que a cada ano mais aumenta a procura de vagas em seus cursos e parece que é um dos poucos colégios que não foi nem de longe atingido pela propalada crise do ensino particular.

NO LEME, O POETA

Já pela localização se sente que o Colégio Afrânio Peixoto é o mais bucólico da cidade. Quase dentro de um bosque, no pé da serra, sem os ruídos da cidade enlouquecida lá em baixo. A sua frente, sem grandes estardalhaços, a figura tranqüila do professor, poeta, escritor, radialista e acadêmico Ruy Afrânio Peixoto.

Dos tradicionais estabelecimentos, de ensino de Nova Iguaçu é o mais novo, pois só foi fundado em 1946, mas já começou com grandes alterações. Foi o primeiro a buscar sistematicamente afastar-se das proximidades da via férrea e do centro da cidade; foi o primeiro a implantar áreas de esportes; foi o primeiro a construir um verdadeiro teatro.

Nova Iguaçu Turismo & Viação Ltda.

A NITURVIA congratula-se com os diretores do "Correio da Lavoura" pela passagem do seu 60º aniversário e os relevantes serviços prestados a N. Iguaçu



Carlos Marques Rollo

NÃO TENHA PROBLEMA EM ESTACIONAR. APANHE UM CIRCULAR

LOJAS BOLDRIN

Artigos masculinos — Confecção própria CARAVELLE — O melhor preço da cidade

Congratulamo-nos com os diretores do CORREIO DA LAVOURA, na passagem de seu 60º aniversário, desejando ainda que este tradicional órgão da imprensa iguaçuana e fluminense continue a trilhar o caminho de bem informar, para melhor formar nossa opinião pública

NOVA IGUAÇU — NILÓPOLIS — RIO DE JANEIRO — DUQUE DE CAXIAS



EDUCAÇÃO COMO FATOR DE MUDANÇA SOCIAL

Prof. Wilson Lotieco

Pós-graduado em Sociologia Educacional

A constante e necessária atualização do sistema de educação é um problema universal, mas torna-se características mais acentuadas em se tratando de uma sociedade dita de países em desenvolvimento.

Nos países novos, pelo fato de seus sistemas serem muitas vezes, modelos transplantados do estrangeiro, sem a devida maturação que lhes dá características nacionais, os conflitos se acentuam e as controvérsias se tornam mais profundas e mais evidentes. É sobretudo se considerarmos que estas sociedades ainda estão se desdobrando com um problema que é básico a erradicação do analfabetismo e da ignorância, condições básicas para a libertação.

Todo trabalho educativo se desenvolve objetivando o desenvolvimento social e político e o progresso técnico e econômico. Pessoas que recebem uma educação num nível mais amplo, tendem a defender seus direitos de cidadania e se elas compõem um grupo numeroso pressionam com a exigência das mais amplas liberdades democráticas.

Não é correto o ponto de vista de que as instituições educacionais representem, por si mesmas, forças meramente conservadoras ou repressivas na sociedade. Isto é um sintoma de atrofia na própria dinâmica social. É verdadeiro que toda instituição, por sua natureza, tende a assumir um caráter de permanência e que o ensino envolve uma tendência para a repetição e perpetuação do "status quo". Mas é também incorreto que as pessoas não devam exigir uma constante atualização do próprio sistema escolar, como fazem com os demais aspectos da vida em sociedade.

Espera-se que as escolas preparem a juventude para ocupações que lhes serão oferecidas por um sistema industrial rapidamente em mudança e se vivermos numa nação em desenvolvimento, como se apregoa com alarde, constituímos uma sociedade em permanente mudança. Espera-se da escola que ela proporcione experiências educacionais aos educandos, instrumentalizando-os para resolver os problemas sociais de sua época e faça do mundo um lugar melhor para se viver.

A dinâmica da vida social é uma decorrência inerente à própria ação do homem em contato com a realidade de seu meio. Trava-se uma interação entre homem e mundo. É a consciência de suas possibilidades que não permite a imobilidade nem das sociedades nem das culturas. "É, na medida em que o homem cria, recria e decide, que ele vai determinando as épocas históricas e que vai participando dessas épocas". Deixar a necessidade de uma permanente atitude crítica da própria vida e de tudo aquilo que a constitui pessoal e socialmente, "único meio pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se superando a atitude de simples acomodação". Porque assim, assumiu sua autenticidade, ou seja, a consciência de estar no mundo como sujeito e não como objeto.

O efeito da educação como um todo, nas esperanças dos que buscam nos bancos escolares, é a de fornecer a "chave do sucesso". Acreditam que a escola poderá lhes preparar para enfrentar uma sociedade competitiva e desumana, como se a escolaridade "concluída" fosse o passaporte para a estabilidade e a segurança social e econômica. Por isso o sistema, pais e professores acreditam que a escolaridade por si, já garante o "status". Desta maneira, a educação não é vista como um meio, mas como um fim. O "lugar na sociedade" ou "ser alguém" parece ser atribuído ao simples ato da diplomação. Todos vão à escola porque acreditam que ela possa lhes assegurar o sucesso pelo fato de a terem frequentado.

A partir daí, a escola secundária ou de segundo grau, passa a não ter valor algum que possa ser socialmente reconhecido, uma vez que ela não "dá" o pretendido. Poucos estão se servindo da escola e da educação como laboratório de pesquisa e criatividade, como ocorre a ser completado e multiplicado, como ponto de partida, para cada um de seu crescimento pessoal-social para então se posicionar na vida e na sociedade.

A formação universitária, quer nas instituições de ensino privado, quer nas de ensino oficial, está muito longe de atingir aquilo que se espera de uma educação a nível de 3º grau, tal como ela é compreendida ao longo dos tempos, numa perspectiva de formação integral do homem, dando-lhe uma visão universalista do seu tempo.

Quando se discute o papel da Universidade na formação do homem e do cidadão, há que considerar a triste distorção de seu papel na estrutura social, onde ele está a rebater na estrutura política, com a autonomia universitária castrada quando deveria ser o elemento dinamizador das mudanças e a preservação do progresso.

Com a Universidade a papel de promotora do desenvolvimento científico, emba-

do na pesquisa especulativa e experimental. Só assim pode ser compreendida a afirmação de que "a Universidade sabe, e porque sabe, ensina". Mas até que ponto nosso ensino universitário está divorciado de seu objetivo principal que é a criação do conhecimento, ou se preferirem, a descoberta do conhecimento? Sem pesquisa de campo, sem espírito crítico e reflexivo, sem questionar a própria cultura, sem adequação entre aquilo que ensina com aquilo que vive não pode haver espírito universitário.

Nossas Faculdades de Filosofia, por exemplo, não possuem as Escolas Normais Superiores. Nossos universitários, por sua vez, ficam reduzidos a colégios desuniformizados. Para a massa estudantil, os cursos universitários não são mais que uma série de conferências (nem sempre bem pronunciadas), ouvidas com maior ou menor atenção. Há um contato ocasional entre os próprios universitários, seres individuais. Neste contexto, não há qualquer preocupação com a formação integral, com a sensibilização do homem para a defesa, preservação e ampliação de suas conquistas culturais. Na realidade, todo trabalho educativo se reduz a função burocrática de meros organismos de treinamento, preparadores de mão-de-obra qualificada (2), para um mercado de trabalho em crescente demanda.

Diante deste quadro, a educação se reduz como processo, e passa a ser vista apenas como modo de acelerar as mudanças tecnológicas e materiais na sociedade. O sistema educacional contribui para tornar o mundo melhor nas esferas da saúde, dos recursos, da redução do trabalho, para o crescimento econômico etc. Quanto a contribuição que a educação possa oferecer no tocante a solução de problemas tais como a guerra, a criminalidade, a fome e a miséria, a erradicação dos preconceitos etc., está longe de figurar no quadro das expectativas sociais.

É verdade que cada um dos grandes problemas sociais da sociedade moderna é provocado, senão agravado, pela mudança tecnológica. Nossos sentimentos e crenças com relação às instituições sociais e às suas funções, são fortemente afetados pela mudança tecnológica. Dessa maneira, o sistema educacional estimulando a mudança tecnológica exerce uma forte influência sobre a estrutura e a cultura da sociedade que o mantém. A medida em que o ritmo de mudança econômica é acelerado, o sistema educacional tende naturalmente a proporcionar maior quantidade de conhecimentos a um maior número de pessoas, uma vez que a produção mais sofisticada requer uma força de trabalho melhor qualificada.

É justamente aqui que reside a maior contradição de nosso sistema de educação: espera-se que a educação estimule a mudança no campo técnico e econômico, e ao mesmo tempo, preserve intacta as instituições, os costumes, e as tradições. Espera-se que o sistema educacional impeça qualquer mudança nos sentimentos e crenças da sociedade a que serve e ao mesmo tempo ensine a ciência e a tecnologia.

Desde que a maioria da sociedade não está consciente desse conflito, ela julga ser benéfica a mudança nas ciências e na tecnologia, mas indesejável qualquer modificação mais profunda nas relações sociais. E os professores se comportam de acordo com as normas institucionais. O medo de questionar e fracassar, o medo de perder o "status". O medo de estar de acordo com a conjuntura. O medo da punição e da repressão do grupo. "E quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nívelador da massificação e na inoperância, sem esperança, sem fé, acomodado".

Em tempos de mudanças rápidas esse aspecto contraditório da educação torna-se ainda mais flagrante e a educação parece então servir de obstáculo ao movimento que ela própria desencadeou.

Educar hoje deve ser interpretado como preparar para a transformação. O papel do educador é preparar o educando para que ele esteja sempre em condições de se integrar numa sociedade que está permanentemente em processo de mudança, não como objeto, mas como sujeito da ação social. Se é uma verdade que a vida se processa numa relação dinâmica, tudo mais que se relacionar com a vida deve ser estruturado também numa forma dinâmica.

A Universidade deve ser a matriz da sociedade, não como depósito mas como organismo vivo e dinâmico, que diagnostica os objetivos sociais e produz as lideranças sociais que os vão gerir.

Monografia apresentada no Curso de Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 1976.

VALEU A PENA

SERGIO FONSECA

Foi pela mão de Salomão David que eu vim pro CORREIO DA LAVOURA. Isso foi em 72.

Naquela época eu mantinha um material mais ou menos lido no "Abre Alas", uma seção do "Pasquim" aberta aos novos e, morando em Mesquita, sonhava ainda "lpan-nas". Valendo-se dessa incôgnita, Salomão — e disso eu me lembro muito bem — contrapôs um argumento irrefragável pra sejar e consagrar a minha travessia: Marcelo Gualino tinha sido colaborador do CORREIO DA LAVOURA. Tinha definido o espírito do jornal. Diante disso, eu me mudei de mala e cuia.

Pouco antes de minha chegada, tinha havido uma reformulação nos quadros do jornal e nascera uma coluna chamada "Negociação e o Seguinte", que enfocava episódios locais num clima de irreverência e que sofreu na carne a diluição e deterioração da política iguaçuana. Hoje, o equilíbrio dessa coluna volta a ser mantido e qualquer leitor, através dela, pode traçar tranquilamente um gráfico da vida iguaçuana nesses últimos cinco anos.

Foi através dela que eu conheci um pouco mais de jornal e muito de Nova Iguaçu. Conviu com Ivan Souto Ma'or, Mauro Lemos de Azeredo, Ney Alberto, Jorge Gramma de Barros, Paulo Faria, Alberto Pirro, Wilson Teixeira João da Eça, Emy Rodolpho, Délio Leal, Aldo, Wilson Lotieco, Wilton Sertório, Luiz Zizi, Hugo Freitas, Paulo César Pinto, Carlos Serafino, Roque Bonini Felazze D'Ávila, Joelson Lima, Antonio Carlos Nascimento, Jorge Ferreira, José Carlos Soberano, Guilherme Silva, José Luiz de Souza. Os dez últimos inclusive eu, tive o prazer de trazê-los para o CL.

Assim sendo, colaborei, discuti, discordei, bati, apanhei e aprendi muita coisa, fortalecendo o meu ideal de liberdade e de respeito ao pensamento alheio e contribuindo para a reformulação da linguagem do jornal.

Porém, de tudo que ficou dessa lição de coisas e pessoas, foi o sentimento de que Nova Iguaçu e uma cidade grande por fora e pequena por dentro. Terra onde uma crítica, leve ou perçosa, pode trazer o prefeito em pessoa, de mãos arregaçadas, à redação; disposto a desagravar no braço a incompetência de um administrador regional inoperante ou o servilismo de um cabo eleitoral que tenha desviado ou consumido verba pública.

Aqui, as pessoas públicas não têm consciência de que são pessoas públicas. Para eles, a província, como o espírito, está acima de todas as águas.

Aprendi ainda que não se pode exercer o pensamento honesto em algumas linhas sem que se sofra perseguições de ordem político-econômico-social no ambiente de trabalho, ainda mais quando este é ligado direta ou indiretamente ao Município.

Para mim, o jornal funcionou como um mirante, onde a distância me ofereceu a perspectiva de cidade nova: vi grupos lutando por interesse, vi piratas, vi aventureiros bem sucedidos, vi injustiças, vi medo, vi mesquinhas, vi denúncias, vi trações, vi miséria e vi grandezas. Dessa viagem, eu trouxe a certeza de que valeu a pena. Valeu pelos companheiros, valeu pelo perigo, valeu pelos inimigos, valeu pelo trabalho.

Parabéns, Nova Iguaçu

Como representante da comunidade iguaçuana que nos elegeu como Prefeito de Nova Iguaçu, saudamos direção e funcionários do CORREIO DA LAVOURA pelos seus 60 anos de existência, que agora comemora.

Mais que ao próprio semanário, o mais antigo em circulação em nosso Município, quem está de parabéns é Nova Iguaçu, por manter, com o prestígio de seus leitores, um veículo informativo por tanto tempo, estando entre os mais antigos jornais do Brasil. Espelhando o pensamento da comunidade, suas reivindicações, que semanalmente estampa, o CORREIO DA LAVOURA se situa entre aqueles órgãos que, policiando, ajuda a administração municipal a enfrentar os graves problemas do Município, encontrando nas suas sugestões e suas linhas, a vontade de participar da vida municipal, como órgão de comunicação que tem nisto uma de suas funções inerentes e, também, como empresa que está presente no crescimento de Nova Iguaçu.

Ao CORREIO DA LAVOURA, nos seus 60 anos, a saudação de Nova Iguaçu que está de parabéns.

Nova Iguaçu, 22 de março de 1977.

JOÃO RUY DE QUEIROZ PINHEIRO
Prefeito



A Igreja da Baixada é marcada pelo sofrimento



Há onze anos em Nova Iguaçu, para onde veio como terceiro bispo — antecederam-no D. Walmor Battu Wichrowski e D. Honorata Piazzera —, D. Adriano Mandarino Hypólito, ao longo desse tempo, vem empreendendo em nossa Diocese uma ação pastoral realmente digna de registro entre tantas outras de relevo realizadas pela Igreja em todo o País, e que sobretudo pela sua importância social, numa região nesta área conflagrada como a Baixada Fluminense, tem contribuído para dar uma imagem polêmica ao seu líder natural. Mas de fato ele parece justificar e fortalecer essa imagem, ao se mostrar — depois de ter superado rapidamente o impacto das violências de que foi vítima em setembro do ano passado — plenamente disposto a perseverar em sua admirável missão evangélica, por entender, acima de tudo, que a Igreja da Baixada Fluminense é uma Igreja tipicamente marcada pelo sofrimento.



CL — D. Adriano, quando chegou a Nova Iguaçu, como o sr. encontrou a nossa Diocese e quais foram as primeiras dificuldades encontradas no exercício de sua ação pastoral?

DA — Cheguei a Nova Iguaçu precisamente no dia 2 de novembro de 1966, quando tomei posse. Encontrei uma diocese nova (foi criada em 25 de março de 1960, pelo Papa João XXIII) mas em franco progresso. Os dois primeiros bispos D. Walmor Battu Wichrowski, que dirigiu a diocese apenas um ano, e D. Honorata Piazzera S.C.I., em cerca de quatro anos, primeiro como administrador apostólico e depois como bispo diocesano, fizeram um esforço gigantesco para recuperar o passado. D. Walmor organizando, D. Honorata atraiendo padres e religiosos. Entre D. Honorata e minha posse houve durante uns oito meses a eficiência do então secretário da CNBB, D. José Gonçalves da Costa CSSR (atualmente arcebispo-coadjutor de Niterói), preparando a chegada do terceiro bispo. Encontrei assim muita coisa em andamento, graças a padres e religiosas e leigos dinâmicos. Cabia-me assim continuar. As dificuldades, pastorais eram e continuam sendo as dificuldades sociais de nossa área, embora de lá para cá se note melhora em alguns setores. Naturalmente, da minha parte havia a dificuldade fundamental que era ambientar-se, entrar-me, descobrir os colaboradores e precisar as prioridades. Graças a Deus, me senti bem na Baixada desde o primeiro dia e tinha a certeza de que minha atividade aqui era o que melhor correspondia às minhas esperanças. Nunca me arrependi de ser mandado para a Baixada.

CL — Já se comentou aqui mesmo no CL, com base em depoimento do bispo D. Walmor, que a Baixada Fluminense é uma das regiões mais des cristianizadas do Brasil. Contra tal afirmativa, o sr. procurou caracterizar o problema da Baixada não na des cristianização, mas sim na falta de evangelização. O sr. ainda mantém o mesmo ponto de vista, quando observamos, realmente, tão pouco espírito cristão — a fraternidade, sobretudo — em nosso meio social?

DA — Há uma expressão de Peggy de que nada se parece mais com uma igreja destruída de que uma igreja em construção. Certo? Em certos momentos e em certos lugares tem-se a impressão de que a Igreja está funcionando bem. Facilmente se identifica o bom funcionamento com a frequência dos sacramentos e das missas dominicais, com as obras de misericórdia. Olham-se as formas e/ou fórmulas. Não quero dizer que isto seja errado. Quero apenas dizer que isto é pouco. Pouca frequência aos sacramentos e às missas dominicais — não implica necessariamente em des cristianização. Devemos aplicar outros critérios mais dinâmicos. Em primeiro lugar sabemos que a Igreja de Jesus Cristo, enquanto for a Igreja peregrina que neste mundo é e não pode deixar de ser, deve ser necessariamente entendida como uma Igreja em construção, sujeita a altos e baixos, a vaivéns e fracassos. Podemos assim dizer que a Igreja da Baixada Fluminense é uma Igreja tipicamente marcada pelo sofrimento, pela angústia existencial, uma Igreja em construção, uma Igreja

peregrina, com toda a problemática de sua população. Os nossos problemas são desafios dirigidos à fé dos cristãos engajados e conscientes.

CL — Até que ponto a ação pastoral da Igreja, numa região socialmente atrasada como a nossa, de contingente operário numeroso e abandonado pelas classes dirigentes, pode contribuir para a politização das nossas massas trabalhadoras no sentido de que elas venham a conquistar maior participação política, social e econômica no contexto da própria Baixada Fluminense?

DA — Uma consciência mais clara e profunda de sua missão leva a Igreja — isto é: os cristãos engajados no evangelho e conscientes de sua responsabilidade — a considerar o homem todo e todos os homens, em todos os seus aspectos existenciais, como objetivo necessário de sua atuação. Está longe aquela exigência maniqueísta: "Salva a tua alma", que se baseava num conceito nada bíblico do homem. O que a Bíblia Sagrada e a melhor tradição da Igreja nos ensinam é que o homem todo e todos os homens, sem exceção nenhuma, são filhos amados de Deus, são chamados por Deus a participarem de sua vida divina, daí por que são também alvo da solicitude e da preocupação da Igreja. A Igreja de Jesus Cristo está aí para todos, é uma Igreja aberta e universal. Em todo o seu esforço a Igreja procura dar ao homem a consciência de sua dignidade de filho de Deus, de sua participação eficiente, de sua responsabilidade na construção de um mundo mais conforme com os planos divinos, isto é: um mundo de mais verdade, de mais amor, de mais justiça, de mais fraternidade. Falamos, assim de conscientizar, de conscientização, para exprimir esse processo de crescimento e de maturação do homem. É claro que o nosso esforço de conscientização, para exprimir esse processo de conscientização parte e se alimenta do evangelho, tem a dimensão da fé. Compreende-se que uma conscientização autêntica não pode excluir nem disfarçar a importância da Política. Mais: a verdadeira conscientização leva à participação política. Tenho certeza de que a verdadeira evangelização nunca aliena, pelo contrário: nos joga bem dentro dos problemas e das angústias da comunidade em que vivemos e nos capacita a participar construtivamente para o bem comum. Tomara que chegue o dia em que nossos operários, nossos trabalhadores, nossos pequenos empregados e funcionários possam ocupar o lugar que lhes cabe na Política e nos demais setores da vida comunitária. Um lugar importante que ninguém mais poderia ocupar. A Pastoral, isto é: a ação da Igreja não visa à Política como tal, se entendemos Política como política partidária, mas visa à conscientização profunda do homem, para torná-lo capaz de participar na vida da comunidade e portanto também política partidária, já que somente através dos partidos oficiais é que o cidadão pode promover o bem-comum em termos de comunidade. O mesmo vale quanto à participação na vida econômica, na vida social, na vida cultural, na vida religiosa inclusive.

CL — Que razões levariam os fiéis da Baixada Fluminense, na busca de soluções

para suas crises, a optarem pelo Umbandismo e não pelo Catolicismo?

DA — O problema é muito complexo, para ser esclarecido agora. Tentarei uma pequena explicação. O homem é um ser religioso, tem fome de transcendente, de Deus. O homem tem consciência de sua fraqueza e impotência diante dos problemas existenciais concretos. Precisa de apoio. Precisa de segurança. Espera resposta. Espera solução. A resposta é aquilo que nós chamamos "história da salvação", a intervenção multiforme, constante de Deus na sorte da humanidade, através dos tempos e das gerações. Esta história da salvação assume um caráter concreto na escolha de Israel, como povo-símbolo, como povo chamado a receber todos os povos no processo dinâmico e consciente da salvação-libertação. A história da salvação atinge seu ponto alto em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que assume nossa natureza e definitivamente se insere na história da humanidade. Agora a história da salvação toma contornos claros, pois se concentra na pessoa histórica do Homem-Deus, Jesus Cristo. Começa uma fase nova da humanidade. O homem tem agora, graças a Jesus Cristo, a chance clara de resolver os seus problemas, não por um passe de mágica, não à sua revelia, não, mas com sua participação responsável e consciente. E não apenas seus problemas particulares, como pensa uma fragil religião de consumo, não, mas sobretudo os problemas de sua comunidade. O Cristianismo se demonstra com clareza quando o cristão aceita sua responsabilidade comunitária e participa eficientemente nos interesses da comunidade. Este processo de nós passarmos, de uma "religião de consumo" para uma religião comunitária faz parte do processo de libertação-salvação que Jesus Cristo nos trouxe. Eu sou tanto mais cristão e católico quanto mais consciência eu tiver de minha responsabilidade comunitária e quanto mais os problemas, anseios, alegrias, sofrimentos, esperanças etc., da comunidade se tornarem capazes de me tocar, de me empolgar, de me envolver. O fato de muitas pessoas procurarem parcialmente a Umbanda (digo parcialmente porque a grande maioria quer continuar católica e não dispensa certos aspectos do Catolicismo), este fato demonstra em primeiro lugar a fome religiosa do povo, a fome de Deus. Aí está o homem angustiado que grita pelo transcendente. Procura Deus na Umbanda porque as formas da Umbanda respondem melhor à sua necessidade imediata, inclusive porque imitam ou retomam certas fórmulas da Igreja Católica. É um fato positivo. Mas de outro lado cabe à Igreja Católica refletir com mais profundidade, e seriedade sobre si mesma, sobre seus métodos, sobre sua pastoral, para descobrir como, na situação concreta em que atua, por exemplo aqui na Baixada, pode levar Jesus Cristo, o Libertador e Salvador — único Libertador e único Salvador — até o sofrimento, as angústias, as esperanças do nosso povo. Repito que a Igreja de Jesus Cristo está sempre em construção, está sempre lutando para encontrar aqui e agora a resposta certa para os problemas concretos. Deus não nos dá nada magicamente. A graça divina supõe a nossa colaboração, o nosso esforço. Também o

anúncio do evangelho exige de nós sofrimento e angústia, até encontrarmos a palavra compreensível. Este é precisamente o mistério da pastoral da Igreja. Temos de empregar recursos humanos, temos de recorrer às ciências humanas, como por exemplo, a Sociologia mas não podemos esquecer que a Igreja não é empresa, não é clube, não é força militar, baseando-se em dados humanos, controláveis e marcados talvez de sucesso. Na Igreja o valor supremo junto com a graça gratuita de Deus é a liberdade de decisão do homem. Converte-se quem quer. Persevera na Igreja quem quer. Eu sou cristão, eu sou padre, eu sou bispo porque quero e enquanto eu quero. Deus não me força. A Igreja não me força. Compreendemos assim por que numa área neutra, como é a Baixada Fluminense, onde não há a coação das tradições religiosas, onde o homem se sente à vontade, compreendemos porque na Baixada Fluminense as pessoas se sentem mais livres de seguirem outras formas religiosas, nas denominações protestantes, no Espiritismo, na Umbanda etc. Vieram de áreas, tradicionalmente católicas, como o Nordeste, o Espírito Santo, Minas Gerais, áreas onde a religião católica era praticada muito naturalmente, como parte integrante da vida social, onde faltar à missa de preceito era um pecado público, onde a coação das estruturas católicas forçava sem remissão a praticar a religião externamente. Aqui na Baixada, dentro do caos social em que vivemos, as tradições originárias não encontram continuidade. É compreensível que as pessoas procurem realizar-se religiosamente nas formas religiosas que correspondem melhor aos seus interesses e talvez também às fórmulas tradicionais de suas terras. Ao contrário do que pensa muita gente, não vejo neste fato nenhum desdouro para a Igreja. Respeitando a Umbanda, o Espiritismo, as diversas denominações protestantes, por serem sérias, vejo em todas as formas religiosas aquilo que S. Paulo via na lei, para o judeu: tudo isto prepara o homem para o Cristo, único Libertador e único Salvador. Fica de pé no entanto o dever de reflexão da Igreja sobre si mesma, se aqui e agora ela é o que Jesus Cristo queria que ela fosse, e sobre os seus métodos, se está na Baixada Fluminense falando uma linguagem evangélica que o povo pode entender.

CL — Muitas vezes a imprensa tem noticiado atritos entre o Estado e a Igreja no Brasil, que poderiam levar o público a entender que há profundas divergências entre a ideologia do Cristianismo e a ideologia política da atual conjuntura brasileira. Como o sr. explicaria esse fato?

DA — A pessoa humana e a comunidade humana são o objetivo da pastoral, como atividade da Igreja, e também o objetivo da Política, como atuação do Estado. Igreja e Estado ocupam-se do homem. A perspectiva do Estado é muito mais limitada e por isso mesmo muito mais intensa e complexa. A Igreja, como entidade que excede as dimensões de tempo e de espaço, está ca-

(Conclui na pág. 6)



HISTÓRIA

Origens da Associação Rural de Nova Iguaçu



A Associação Rural, hoje consolidada como entidade representativa da classe dos agricultores de Nova Iguaçu, teve todo o seu projeto de organização amplamente promovido pelo CORREIO DA LAVOURA.

Sociedade Agrícola e Caixa Rural, iniciativa do CORREIO DA LAVOURA. Sindicato Agrícola, de lavradores e citricultores. Em face de sugestões do Ministério da Agricultura, surge a Associação dos Fruticultores. Em fins de 1939 a entidade se transforma mais uma vez e passa a funcionar com o nome de Associação Rural, hoje sob a presidência do Dr. Lebar Rodrigues da Silva, que sucedeu a seu pai.

23 DE JULHO DE 1922 — De iniciativa do CORREIO DA LAVOURA, orientado pelo jovem Humberto Calino, aluno da Escola Nacional de Belas Artes, realiza-se a residência do citricultor José Alvarez, situada na Estrada de Madureira, a primeira grande reunião de lavradores, objetivando-se a fundação da Sociedade Agrícola de Iguaçu, com as seguintes finalidades: a) trabalhar pela união de todos os lavradores iguaçuenses; b) agir junto aos Poderes Públicos visando à melhoria das estradas de rodagem; c) conseguir terras para serem cultivadas por seus membros que lutem com mais dificuldades; d) auxiliar a pequena lavoura, facilitando o transporte e a boa colocação desses produtos, inclusive em mercados a serem construídos nos distritos; e) estudar os meios mais racionais e econômicos de cultivo, colheita e embalagem da laranja; f) emprestar material agrícola aos associados; g) combater as pragas da lavoura, especialmente a formiga saúva; h) cuidar do ensino agrícola por meios práticos; i) criar na lavoura o serviço de cooperação de acordo com os moldes do Ministério da Agricultura. Neste ponto, sugere o Sr. Lino Alexandre Pedrosa a criação, na Sociedade, de uma Caixa Rural.

Da reunião, sob a presidência do Sr. Joaquim de Oliveira Carvalho, proprietário da Fazenda de Madureira, Emerson Fernandes redige a ata, que recebe assinaturas de Joaquim de Oliveira Carvalho, Júlio Ferreira Tavares, Abílio de Jesus Borges Ferreira, Antonio Vaz Teixeira, Gerônimo Pimenta, Luiz Ferreira, Francisco Artur e Casimiro Ferreira de Sousa, João Rodrigues Flores, Manoel de Araujo, João Manoel Fernandes, Custódio

Soares de Oliveira, Francisco Antonio Duque, Armando Fernandes, Armando Emilio Rabelo, Batista Samuel, João Robles Quintana, Francisco Roque Duque, Honório Pimenta Filho, Felisberto Lopes Teixeira (representado pelo Sr. Antonio Vaz Teixeira), Lino Alexandre Pedrosa, João Martins Duarte, Luiz Silveira, Humberto Calino, Emerson Fernandes, Evaristo José Lopes, Caetano de Freitas, José Alvarez, Antonio Simonetti e Francisco Teixeira Borges.

24 DE FEVEREIRO DE 1923 — Na sede do Clube dos Progressistas, situada na Praça Ministro Seabra, numerosos lavradores se reúnem sob a presidência do Dr. Plácido de Melo, iniciador e fundador, no Brasil, das Caixas Raiffeisen. S. exa, foi antes apresentado aos iguaçuenses pelo Dr. José Eurico Dias Martins, alto funcionário do Ministério da Agricultura e lavrador em Morro Agudo. Objetivo da reunião: fundar-se a Caixa de Nova Iguaçu, constituindo a 13.ª cooperativa de crédito que se instalava neste Estado, nos moldes do Decreto n.º 637, de 05 de janeiro de 1907 (Lei Miguel Calmon).

E' eleita então a seguinte diretoria: Presidente, Dr. José Eurico Dias Martins; vice-Presidente, Major Honório Pimenta; gerente, Cel. Hercúlo de Matos; 1.º e 2.º secretários, Dr. João Barbosa Ribeiro e Hipólito Paquetet. Eleito também o Conselho Fiscal, ficando assim constituído: Presidente, Dr. Paulo Martins; Secretário, Silvano de Azeredo, e mais Padre Paulo A. De Sanctis, Dr. Henrique Blanc de Freitas, José Hermida, Antonio Simonetti, Cel. Nicolau Rodrigues da Silva, Francisco Antonio Duque, Dr. Irineu Félix Pedrosa, Roque de Almeida, Cel. José Lopes de Castro,

Luiz Rodrigues Pereira e José Alvarez, este contador.

05 DE AGOSTO DE 1923 — Reúnem-se numerosos lavradores na sede do Clube dos Progressistas. Objetivo: criação de um Sindicato Agrícola para defender os interesses dos produtores. Aclama-se então uma diretoria provisória composta dos Srs. Cap. Sebastião Hercúlo de Matos, Cel. José Lopes de Castro e Dr. João Barbosa Ribeiro.

12 DE AGOSTO DE 1923 — Na sede do Clube dos Progressistas, segunda reunião de lavradores. E' nomeada para elaborar os estatutos do futuro Sindicato Agrícola, uma comissão composta dos srs. Dr. João Barbosa Ribeiro, Dr. Felisberto de Camargo, Cel. José Lopes de Castro, Cap. Sebastião Hercúlo de Matos, Carmini Papaleo Montoura, Carmini Verdesosa, Hipólito Paquetet, Francisco Vitor Duarte, Major Honório Pimenta, José Alvarez, Antonio Martins Bertolo e Maximiano de Macedo. Havia necessidade de a lavoura se organizar em sociedade. E era urgente que se adquirissem máquinas modernas por intermédio do Governo, visando ao aperfeiçoamento dos nossos produtos, principalmente da laranja, cuja colheita vinha crescendo satisfatoriamente. No ano anterior, 1922, a safra de laranja neste Município atingiu cerca de 100 mil caixas, tipo grande.

09 DE SETEMBRO DE 1923 — Assembleia geral de lavradores e citricultores, na sede do Clube dos Progressistas, para instalação do Sindicato Agrícola de Iguaçu. Procedem-se à eleição de seus dirigentes. Diretoria: Presidente, Cap. Sebastião Hercúlo de Matos; Secretário, Hipólito Paquetet; Tesoureiro, Lino Alexandre Pedrosa. Conselho Deliberativo: Srs. Dr. João Barbo-

sa Ribeiro, Carmini Montoura, Antonio Cardoso, Antonio de Oliveira Carvalho, Cap. Manoel Joaquim Leitão, Antonio Martins Bertolo, José Alvarez, Francisco Vitor Duarte, Manoel Joaquim Ernesto, Maximiano de Macedo, José Hermida Orbião, Luiz Ferreira, Joaquim Abreu Salgado, Benigno Armada, Cap. Tertuliano de Melo, João Robles Quintana, Manoel Duceini e José Luiz do Espírito Santo.

04 DE NOVEMBRO DE 1923 — Reúne-se o Conselho Deliberativo do Sindicato Agrícola de Iguaçu, sob a presidência do Dr. João Barbosa Ribeiro. Delata a respeito de um artigo publicado no jornal "A Noite", de 30 de outubro último. O assunto focalizado referia-se à criação neste Município de um entreposto de frutas, medida considerada pelo Sindicato como de cerceamento da liberdade de comércio, uma vez que se organizava nos moldes estabelecidos pela Lei 979, de 06.01.1903, e pelo Decreto 6.532, de 20.06.1907, ambos com a rubrica do então Ministro da Viação e Agricultura, Dr. Miguel Calmon. (Não havia na época ministério exclusivo da agricultura).

08 DE NOVEMBRO DE 1923 — Divulga o CORREIO DA LAVOURA os objetivos principais do novo Sindicato Agrícola de Iguaçu, que se criou para defender a classe, melhorar os pomares, os meios de colheita e embalagem das frutas, uma força enfim para atuar resguardando os interesses de seus associados contra a ganância dos açambarcadores da capital da República. Finalidade do Sindicato, entre outras: a) melhorar as condições da colheita, proceder à classificação das frutas por tamanho e qualidade e uniformizar o seu acondicionamento; b) encarregar-se do transporte e

venda das frutas no interior do País e no exterior; c) unir seus esforços aos dos governos municipal e estadual, visando à melhoria das estradas de rodagem; d) combater as pragas e moléstias das laranjeiras, etc.

13 DE JANEIRO DE 1924 — Assembleia extraordinária do Sindicato Agrícola com a presença de mais de 100 lavradores e citricultores. Atendendo a sugestões do Ministério competente, aprova-se a reforma dos estatutos, imprimindo-lhe um cunho mais objetivo em defesa do agricultor. Muda-se então o nome do Sindicato Agrícola para Associação dos Fruticultores de Nova Iguaçu, por cujo intermédio é que seria vendida toda a produção de laranjas de seus associados.

13 DE AGOSTO DE 1939 — Em Assembleia geral, são aprovados os estatutos da Associação Rural do Município de Nova Iguaçu, ex-Associação dos Fruticultores de Nova Iguaçu.

18 DE JANEIRO DE 1940 — No Cartório do Registro de Títulos e Documentos inscreve-se a Associação Rural do Município de Nova Iguaçu no livro "A" do Registro de Pessoas Jurídicas, sob o número de ordem 94. No referido Cartório ficam registrados também um exemplar do "Diário Oficial" do Estado de 23.08.1939 e um exemplar dos estatutos, sob o número 1495 do livro B/3, do Registro Integral de Títulos e Documentos.

(Notas de L. A. para um livro em preparo de registros históricos, em síntese, para os estudantes.)

SOESP
Serviço Odontológico Especializado
DR. IVAN FONSECA
 CRO/RJ - N. 34 OGC N. 28711547/001 CPO N. 57
 Convênios:
 * SASSE * Corta * Montepio de Família Ferroviária Especialidades Odontológicas Crianças e Adultos.
 * Socia Clube * Souza Cruz
 * Petrobrás
 DIARIAMENTE, DAS 8 AS 20 HORAS - RUA NELSON RAMOS, 721 - TEL. 2912
 NOVA IGUAÇU - ESTADO DO RIO

Cartório do 11.º Ofício
Darcilio Ayres Raunheitti
 Tabelião e Escrivão
 Escrituras - Contratos - Firmas - Inventários
 Rua Getulio Vargas, 56 - Tel. 2362 - Nova Iguaçu



A minha profissão

PAULO FRÔES MACHADO, Vice-Presidente da OBA—RJ e Membro Efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros

Disse o poeta que ser mãe é parecer num paraíso. Em uma espécie de paródia, disse eu, há anos, que ser advogado é ser feliz em um purgatório.

Decorrido mais de um decênio, não tenho como me retratar.

Efetivamente, o exercício a contento, de advocacia, em um País como o nosso, é, por circunstâncias, empresa quase sobre-humana. É o desgosto, é a incompreensão, é a audácia de des-preparados, é a falta de respeito, é a morosidade do aparelho judiciário e são os defeitos da estrutura judicante e da sua infra-estrutura. Todos a proporcionar sofrimento. Eis aí o purgatório.

A felicidade é encontrada pelo advogado quando, após a sua diturna luta, ao regressar ao lar, tendo em mente todos os obstáculos superados ou simplesmente arrostados, chega a que é, a exemplo do sertanejo, um forte. Vença-os ou enfrente-os sem que enrubescer ou, pelo menos, sem que esmorecesse.

Sabem todo, que vagarosa é a nossa máquina judiciária. Isto afirmo em trabalho publicado em revista do órgão de minha classe e trouxe, ali, o dizer do Sr. Presidente da República que, ao cuidar da necessidade, de uma reforma, o brindeu com adjetivação compatível.

Situa-se mal o advogado pelo desgosto que lhe proporciona a demora no deslinde dos casos, quase sempre a ele atribuída, por incompreensão, pelos interessados nas causas. Muitos, dando excessiva importância ao oficialismo do cargo, atribuem o retardamento a quem por ele responsável não é. Assim, sem saber que está o advogado jungido a prazos que de outras constantemente só recebem piparotes.

Na década de 1950, no curso da leitura de "A Cidadela" pensei em produzir obra, se não do mesmo quilate, no mesmo sentido. Pensei em falar do exercício da advocacia nos moldes em que Cronin registara da medicina apontando percalços.

Felizmente, parei para pensar. Em qualquer lugar, por temor que pela estípite, com acanhadas marcas de profissional, não se agradece. Em assunto, porque pretendia lançar verdade que porque inenunciáveis pelos não íntima, de certas meandros vissem encerrar fosse situação como frustrado, mentiroso ou, quicá, louco.

O primeiro problema teria solução com a ajuda de distinto colega que, com a sua pena adamantina, posicionado como co-autor da obra, emprestaria brilho ao meu escrever opaco. Restava o segundo. Permaneci a coligir matéria.

Em compasso, tive em mãos romance de dois colegas italianos, Hector e Perluigi Perizzo. Verifiquei, então, que com o que pretendia produzir poderia ser taxado de plágio. Inocente, por sinal.

Romeiro Neto foi, para muito, e para mim, um dos mais categorizados e hábeis criminalistas nascidos no Brasil. Defendeu, sem sucesso palpável, jovem militar acusado da prática do denominado crime do Sacopã.

Dias após o julgamento, presenciei em salão da antiga capital certa conversa que me estremeceu e na qual, por prudência, não me intrometi, inobstante a repulsa que em mim provocaram o desrespeito ao profissional, a manifestação de alvar audácia e a ausência de avaliação de ignorância. Diziam-se acordos, barbeio e freguês, em que, se em lugar de negar a autoria, tivesse o renomado jurista sustentado uma legítima defesa, teria sido bem sucedido. E, isto, sem que, certamente, tivessem lidos os autos, sem que jamais consultassem a legislação, a doutrina e a jurisprudência e sem que sequer tivessem condições para avaliar as distâncias que, sob todos os aspectos, os separavam do alveado.

Ao que soube, Romeiro, depois Ministro do Superior Tribunal Militar, morreu triste. Não seria, ao que dizem alguns, o grande advogado que realmente era. Pouco absolvia, nos seus últimos anos de labor advocatício. Para a cadeia tinham ido o acusado do Sacopã, um dos envolvidos no caso do Major Rubem Vaz e aquele que seria um dos responsáveis pela morte de Aída Chi, todos por ele defendidos. Caso, difíceis e de amplíssima divulgação.

Certa vez, chamado fui a encarregar-me da defesa de um acusado de homicídio em Comarca vizinha. Ao cidadão era atribuída a responsabilidade pela morte de um outro, em parque de diversões, por motivo de jogo.

Ao comparecer à Delegacia de Polícia para tomar conhecimento do caso, tornei-me sabedor de que não poderia sequer sonhar em absolvição. Cidade pequena, todo, conheciam, ou pretendiam conhecer, parmenores da ocorrência. Sem motivo razoável, teria sido o meu constituinte.

No curso do processo, cheguei a que, consoante afirmara o cliente, havia justificativa. Fora, o fato, em verdade, praticada em local de jogatina. Todavia, de forma alguma, não agira o réu por motivo com ela relacionada. Operara, sim, em legítima defesa.

Sucedendo que presidida a instrução por magistrado expedido dentro de pouco, meses após a prática dita deli-

tuosa, já havia despacho de pronúncia e caberia ter lugar julgamento pelo júri. Necessitava eu, porém, ganhar tempo para que chegasse ao conhecimento da população e, consequentemente do corpo de jurados, a versão colhida no processo, amplamente favorável ao acusado. Resolvi, então, com precaríssimas necessidades de êxito, recorrer do despacho de pronúncia. Que-ria, por necessidade, retardar a realização do julgamento.

Nos sete meses em que os autos permaneceram no Tribunal, preso o acusado, sofri reiteradas reclamações de familiares seus, não sabedores de que a procurada demora operaria em prol do constituinte.

Ao retornar à Comarca o processo, tido mudará o ambiente, no dia do julgamento, era diferente do inicialmente referido. Em tal dia, antecipou-se, a mim, o Promotor de Justiça, no pedido de absolvição. Pouco tive que fazer. Por unanimidade, aceitou o Conselho de Sentença a minha tese, então também do Ministério Público, sendo o réu mandado em paz para casa. Na oportunidade, fui avisado pelo locutor de uma estação de rádio da Baixada de que o julgamento fora gravado e que seria, no mesmo dia, à noite, levado no ar. Em casa, assisti à transmissão.

Verifiquei, então, que, proclamada a absolvição, foi o réu chamado a usar o microfone. Agradeceu nos Srs. Jurados a justiça que fizeram. Ao Dr. Promotor, a imparcialidade. Ao MM. Juiz a forma pela qual conduziu os trabalhos. Aos funcionários, a operosidade. Só não se lembrou do seu esfoço e do obsequio patronal.

Em outra Comarca, também vizinha, fui constituído para impugnar dívida suscitada por oficial de registro imobiliário. Estava o interessado bem informado e omissivamente documentado. Fácil foi o meu trabalho. Eloquentes e argumentadas peças e consegui destruir toda e qualquer documentação do serventário.

Ouvindo o Promotor de Justiça, disse ele que subscrevia o meu arremetido. Somente isso.

Na sentença, ao dar o Dr. Juiz pela improcedência da dívida, fez referência à documentação e se serviu dos meus argumentos. No último "considerando", ou seja, no imediatamente anterior ao "iulgo", manifestou levar em conta o pronunciamento, calado em trabalho meu, do representante do Ministério Público, tomado como ele, magistrado, de oficialismo decorrente de cargo. Segue brindou o advogado com simples referência. Mandou-me para "corner".

LICINIO COSTA

DA'A FELIZ!

Há muitos anos atrás nasci, em Nova Iguaçu, um novecentista, filho de um grande jornalista. Dentro em pouco, assim como pai milagre, o belzezinho passou a ser alvo das atenções gerais, dado o seu indiscutível poder de comunicação. O povo procurava-o e, através dele, buscava o conhecimento de todos os acontecimentos desvendados nas redondezas. Não havia a mais mínima dúvida de que se tratava realmente de um ente fadado a unir e fazer progredir, cada vez mais, os habitantes deste lugar. Com o decorrer dos tempos ele foi passando pelas diversas fases da vida, carregando sempre consigo o hábito de vencedor. Muitos, tentaram seguir-lhe os passos, imitando-o como podiam e em vão, embora ele a todo, estendesse sua mão amiga, no afã de ajudá-los a fazer o mesmo que ele fazia em prol da coletividade de qual ele se tornara um predestinado servidor. A inextinguível ampulheta que, para muitos, parecia cometer injustiça, envelhecendo-o, fizera-se a sua melhor amiga conservando-o sempre jovem, atualizado e cada vez mais vigoroso. A verdade, porém, é que ele nunca de atingir a idade de sessenta anos, pois nasceu em 22 de março de 1917, e o seu nome é CORREIO DA LAVOURA.

Exatamente como fez F. M. Dostoiévski ao iniciar o livro "Os Irmãos Karamazov", eu também estou revolvendo a Bíblia para começar a dizer alguma coisa sobre o aniversário do querido CORREIO DA LAVOURA. Diz o Livro de Provérbios, Cap. 12, Vers. 24: "Na verdade, na veredade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; porém, se morrer, dá muito fruto". O grão de trigo a que se referia São João, ao reportar as palavras de Jesus, foi também jogado à terra pelo inesquecível Silvino de Azevedo. E morrendo, esse grão produziu frutos. Entre esses frutos vamos encontrar este brilhante e tradicional semanário, do qual a ardida e laboriosa população ignacuna muito se orgulha.

Particularmente, eu fico muito à vontade para declarar minhas atenções para com este respeitado jornal, por várias razões: somos conterrâneos, temos as mesmas iniciativas no nome, invertidas: CL e LC. Lutamos portando o mesmo estandarte, que é o ardente desejo de fazer com que Nova Iguaçu se cõnque sempre em elevado plano entre as melhores cidades do País. Estas são, pois, as melhores razões que eu tenho para me orgulhar com mais um aniversário, que é o sexagésimo do CC, menos um do que os que eu fiz. Somos portanto, quase da mesma idade. As glórias deste jornal foram repetidas com todos os habitantes do Município e os seus amigos de além fronteiras, pois da comunidade de idéias e do respeito mútuo entre o jornal e seus numerosos leitores foi que brotou a rigidez da algaroa que sustenta esta conceituada empresa jornalística.

Todos nós sabemos que fazer jornalismo não é tarefa nada fácil. Desde Barros Júnior, o fundador do primeiro jornal ignacuno até os nossos dias, muitos jornais e diversos tipos de publicação foram fundados neste próspero Município. Poucos, porém, sobreviveram. Cabe, assim, ao CORREIO DA LAVOURA e honra de representar a tradição do jornalismo ignacuno, com os seus sessent e poucos meses vividos. A Deus e ao nosso padroeiro Santo Antônio de Jacutinga, em cuja Catedral foi celebrada a missa em Ação de Graças por este evento, eu rogo um futuro cada vez mais promissor para o hebdomadário que tem sabido honrar e defender os interesses do povo ignacuno, pedindo o mesmo para os demais órgãos da imprensa local, a fim de que todos, remarcados pelos mesmos ideais, formem um egregio benefício a toda a comunidade. E no momento em que transmito ao CORREIO DA LAVOURA os meus sinceros amplices, declaro também de parabéns, toda a população deste Município, com seu comércio progressista e autenticidades conscientizadas do dever, sem os quais não poderia o CORREIO DA LAVOURA alcançar o tão colozado.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS
PASCHOAL MARTINO CRM-RJ 797
JEFFERSON MARTINO CRM-RJ 1989/S
ALVARO MAGALHÃES PEREIRA CRM-PT 839
CREDENCIADOS PELO INPS
RUA QUINTINO BOCAIUVA, 37 - Tel. 2312
FILIAIS
NILOPOLIS R. Getúlio Vargas, 1594
Tel. 2628
PARACAMETI Av. das Operárias, 112
Fone 2217

ÓTICA ALEMÃO
DETUNO & Cia Ltda.
* óculos modernos
* consertos
* oficina própria
* serviço rápido
AVIAMOS RECETAS PARA O MESMO DIA
Rua Otávio Tarquino, 61 - N. Iguaçu

Ora. Rosa Maria Facuri Raphael Cardona
PSICÓLOGA
Adultos e Crianças
Consultas marcadas pelo tel. 767-5882
2a e 6a-Feira, das 13 às 20 horas
Rua Prof. Paris, 58 - Nova Iguaçu

BOM NEGÓCIO
Por motivo de saúde passo loja de refrigeración de tomates, única na Baixada Fluminense com todos os pertencentes, frequência feita, início de contrato de 5 (cinco) anos.
Aceito oferta urgente
Av. Governador Roberto Silveira, 431 - Nova Iguaçu

O Jornalismo --- de Gutemberg a nossos dias

ORIGENS

A origem do jornalismo foi a procura, redação e publicação de notícias. A descoberta da máquina de imprimir por Gutemberg, no século XV, facilitou a rápida substituição dos boletins, relações e volantes manuscritos que circulavam entre pequeno número de leitores, com informações e comentários e ataques pessoais, em forma de panfletos. Substituíram-se, assim, os cartazes afixados nas praças públicas, escritórios, agências de navegação, casas comerciais, com notícias, sobretaxas de marinheiros para viagens marítimas, datas de partida e chegada de barcos e outras. No tempo de Julio César, em Roma, criaram-se os "Acta Diurna", boletim pregado em lugar visível no Fórum e muito antes já se difundiam informações comerciais, políticas e outras, através de cartas dirigidas aos cônsules e funcionários do Império nas colônias. As epístolas, encíclicas e bulas eram o meio ordinário de comunicação nas igrejas cristãs.

No verdade, só se pode falar de jornalismo, como atividade regular, a partir da vulgarização das máquinas de imprimir, quando então as folhas impressas começaram a ser publicadas como periódicos ou diários. Tal aconteceu no século XVII, com o "Niuewa", Trindade, em Antuérpia (1605); o "Weekly News", de Londres (1625); a "Gazette", de Paris (1631); e "Il Sincero", de Gênova (1614). No século seguinte, fundase o "Daily Courant" (1702), de Londres, o mais antigo diário da Inglaterra. Logo após, outros periódicos e diários surgem nos principais países europeus.

Desde 1541 a América conheceu a tipografia, trazida ao México pelos organizadores espanhóis, e mais tarde (1584) a Lima, Peru. O México teve, também, a primazia de um jornal americano, a "Gaceta de México y Noticias de Nueva España", fundado a 1.º de junho de 1722, mas foi a cidade de Lima que registrou o primeiro cotidiano, o "Diário de Lima". Em 1704 apareceu o "Boston News Letter", na Nova Inglaterra, e já no começo do século seguinte circularam nos Estados Unidos duzentos periódicos, dos quais dezessete diários.

Na primeira metade do século XVII, publicavam-se folhas impressas, com certa regularidade, na Itália, na Alemanha, na Austría, nos Países Baixos, na Inglaterra e na França. Eram vendidos nas feiras, ou nas casas comerciais. A primeira revista, data de 1665. Denominava-se "Journal des Savants", editada na França para noticiar o que se passa de novo na República das Letras.

A multiplicação e rapidez dos meios de comunicação — o barco a vapor, o trem de ferro, o telégrafo, o cabo submarino, o telégrafo sem fio — acompanharam o desenvolvimento e o progresso das máquinas de imprimir.

Com o linotipo e a rotativa, no curso do século XIX, a imprensa diária e periódica atingiu enormes tiragens, tendo-se adotado o processo jornalístico que permitiu ampla e imediata divulgação mundial das notícias, no que se encarregavam principalmente as agências telegráficas.

O JORNALISMO NO BRASIL

A América Portuguesa não teve conhecimento da imprensa até a primeira década do século XIX, época em que a Família Real chegou ao Rio de Janeiro trazendo, em sua vasta bagagem, dois prelos e vinte e oito volumes de material tipográfico, embarcado

na nau "Madusa", por ordem do Conde da Barca. Por sugestão de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Lanharas, o Príncipe Regente D. João fundou, a 13 de maio de 1808, a Imprensa Régia, onde, a 10 de setembro do mesmo ano começou a ser impressa a "Gazeta do Rio de Janeiro", primeiro jornal a aparecer no Brasil. Soa, no princípio, apenas uma vez por semana; passou, depois, a ser editado duas, e por fim três, sendo redigido por Frei Tibúrcio José da Rocha.

O "Correio Brasiliense", que começou a ser impresso em Londres, em junho de 1808, e redigido pelo brasileiro Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, é cronologicamente e pela natureza dos assuntos de que se ocupava (sempre versando interesses políticos do Brasil), o primeiro órgão de imprensa brasileira. Foi publicado durante treze anos, sendo, até a Regência de D. Pedro, o único jornal que, pelo caráter, mereceu esse nome. Perseguido e mesmo encarcerado pela Inquisição, em Lisboa, Hipólito conseguiu fugir para a Inglaterra, em cuja capital se instalou e deu início à publicação do "Correio Brasiliense", que discutia, sem censura, os problemas políticos de Portugal e defendia as aspirações do Brasil à independência. Era impresso nas oficinas de W. Lewis, aparecendo todos os meses, com absoluta regularidade até dezembro de 1822, num total de 175 números, de 96 a 150 páginas m.8. Hipólito é o legítimo patrono do jornalismo brasileiro e dele disse Varnhagen: "Não cremos que nenhum estadista concresse mais para preparar a formação, no Brasil, de um império constitucional, do que o ilustre redator do "Correio Brasiliense".

De 1821 a 1822, com a retirada da Corte para Lisboa, publicaram-se no Rio de Janeiro vinte periódicos, todos se ocupando da independência que alvorecia e se tornava inevitável, com a paixão e os excessos de personalismo, fáceis de compreender no tempo, pela natureza do problema em debate. Era um jornalismo eminentemente político, que refletia as paixões de partidos, de grupos e até de pessoas. Por isso, de alguns somente foi publicado o primeiro número; a maioria, porém, teve existência hultante e efêmera. Nessa fase inicial do jornalismo brasileiro, a informação era relegada a plano inferior; carecia de importância na imprensa. A polémica, a verriena, a discussão acesa e destemperada, os ataques pessoais, as molinas caluniosas constituíram quase a regra, de que há poucas exceções, no curso do século XIX. Era uma imprensa ligada aos problemas partidários do momento e a sua importância vinha mais da qualidade do redator do que propriamente da categoria do jornal.

O I Reinado, a Regência, a Maioridade, a Abolição, a República, as lutas pela consolidação republicana — eis as fases históricas do jornalismo nacional. Desde que a Corte regressou a Lisboa, começaram a multiplicar-se as tipografias e publicações em todo o País: no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais. Brasileiros e portugueses lutavam acerbamente pelas suas idéias, a favor e contra a independência, em panfletos, periódicos e jornais de pequena duração.

Convém citar, como iniciativa digna de nota, a revista "O Patriota", publicada em 1813, para fins culturais, com a elaboração do, mais prestigioso nome da época, inclusive José Bonifácio de Andrada e Silva. Fundou-a Manuel Ferreira de Araújo Guimarães; saía mensalmente no primeiro semestre de 1813, tornando-se, em seguida, quinzenal, até 1811, quando deixou de aparecer. O "Diário do Rio de Janeiro", experiência mais sólida, durou de 1821 a 1878, com pequena interrupção, de 1859 a março de 1860. Sua fundação deve-se ao português Zeferino Vito de Melveles, embora na última fase estivesse sob a direção de Saldanha Maranhão, o famoso Ganganelli, tendo Quintino Bocayuva como redator-chefe. Em 1821, surgiu a "Malaneta", cujo título sugere sua orientação e conteúdo. Teve vida acidentada e publicação irregular até 1832. Foi seu fundador o Deputado Luiz Augusto May, de Inguaiçem Ferina e desasturada.

De grande importância política, pela qualidade intelectual de seus diretores — a Cônego Joãoário da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Léo — foi o "Revêrbera Constitucional Fluminense", que viveu de 15 de setembro de 1821 a 8 de outubro de 1822, data em que se encerrou sua publicação, tendo os dois jornalistas que o redigiam sido perseguidos e forçados a abandonar o País. Outro jornal de importância é "O Tamoiá", de cores nacionalistas, sob a direção de José Bonifácio e que só circularam 35 números, entre 12 de agosto e 11 de novembro de 1823.

Em 1827 surgiram dois órgãos de importância: a "Aurora Fluminense", sob a responsabilidade do maior e mais sério jornalista do I Reinado, Evaristo da Veiga, que dirigiu até 1839; e o "Jornal do Comércio", que desempenhou grande papel no Império e na república. Órgão conservador, dedicado à defesa dos interesses das classes produtoras e do comércio, marca o início de uma fase de equilíbrio e moderação na imprensa brasileira. Cite-se o "Diário de Pernambuco", que é o mais antigo jornal que se edita ininterruptamente na América do Sul. Há de ser mencionado ainda, na imprensa do I Reinado, o "Correio do Rio de Janeiro", do português José Soares Lisboa, considerado um dos melhores articulistas políticos, que viu a sua gazeta proibida de circular por José Bonifácio, além de lhe ter sido imposta a pena de expulsão do País.

O JORNALISMO MODERNO

Foi nos Estados Unidos da América que se verificou a mais rápida modernização do jornalismo, através do aproveitamento dos recursos técnicos proporcionados, pelas novas invenções no campo da comunicação. A chamada "imprensa amarela" dos EUA e as grandes cadeias de jornais que ali se formaram, valorizaram a tal ponto o jornalismo noticioso, que este chegou a absorver a parte de comentário e doutrina, como aconteceu com os grandes jornais que disputavam, pelo sensacionalismo da matéria editada, o favor público: "The World", de Joseph Pulitzer, e o "New York Journal", de William Randolph Hearst, que, fundou, mais tarde, a poderosa cadeia de periódicos que hoje tem o seu nome. No fim do século, Adolph Ochs adquiriu o "The New York Times", considerado o mais importante órgão da imprensa americana e, sem dúvida, um dos primeiros do mundo. Outros jornais importantes são o "Times", de Londres; o "Manchester Guardian"; o "Figaro" e "Le Monde", de Paris; o "Corriere della Sera", de Milão; o "Journal de Genève"; o "Corrante", de Rotterdam; "La Prensa", de Buenos Aires; "El Tiempo", de Bogotá; "El Mercurio", de Santiago do Chile; o "Asahi" e o "Mainichi Shimbun", de Tóquio. Pela feição gráfica que dispõem, perfeitos serviços de informação, além de notável influência que exercem

sobre a opinião pública em seus respectivos países, esses jornais são apontados justamente como a mais alta expressão do jornalismo universal.

A invenção da linotipo e da rotativa, aperfeiçoando o processo de impressão revolucionou o jornalismo, dando ensejo às grandes tiragens e à mais rápida divulgação de notícias, o que foi auxiliado pelo telégrafo e a radiotelegrafia, no fim do século passado. O desenho e a caricatura ilustravam as notícias e constituíam novo meio de atração para os leitores. A imprensa europeia acompanhou essa modernização, logo seguida na América Latina, na medida do desenvolvimento econômico de cada país. No Rio de Janeiro, "O País", a "Gazeta de Notícias", o "Jornal do Brasil", "A Imprensa", já marcavam nitidamente uma nova fase do jornalismo, com preponderância das informações nacionais e estrangeiras, boa colaboração literária e maior objetividade e polidez nos debates doutrinários. No começo deste século (1901), Edmundo Bittencourt fundou o "Correio da Manhã", que unia a combatividade política o cuidado da notícia e a selecionada contribuição de artigos e temas literários. Apareceram suplementos dominicais e uma revista popular, "O Malho", que alcançou, em certo momento, tiragem excepcional para o seu tempo. A imprensa vespertina acompanhou esse surto de progresso, aparecendo a "A Noite" (1911) e, na terceira década do século, "O Globo", ambos fundados por Irineu Marinho e de grande popularidade, que inauguraram o sistema dos segundos clichês e das edições sucessivas. Os Diários Associados formaram a primeira cadeia de jornais no Brasil, compondo-se de órgãos matutinos e vespertinos, nas capitais e nas cidades mais importantes, pois tinham em vista uma unidade de orientação nacional através da imprensa diária. Foi seu fundador o jornalista Assis Chateaubriand, a quem se deve igualmente a revista "O Cruzeiro", com tiragem superior a quinhentas mil exemplares e uma edição em custelhanho. O jornalismo atual conta, no Brasil, com alguns diários modernamente aparelhados e dignos de figurar entre os melhores do mundo, como "O Estado de São Paulo", "A Folha de São Paulo" e "Jornal do Brasil", "O Globo", "O Jornal do Brasil", a partir do início da década de sessenta sofreu saudável renovação jornalística, o que lhe passou a conferir, desde então, o papel importante de jornal-escola dentro do moderno jornalismo brasileiro. Mas não se deve deixar de citar na imprensa brasileira o papel desempenhado por dois jornais — "Última Hora", de Samuel Wainer, e "Tribuna da Imprensa", lançada por Carlos Lacerda. Esses dois veículos tiveram enorme aceitação entre os leitores cariocas, sobretudo nos anos 50. Pode-se ainda mencionar, como importantes, os jornais "A Tarde", da Bahia; "O Estado de Minas", de Minas Gerais; o "Jornal do Comércio", de Pernambuco; e o "Correio do Povo". Entre as revistas, lembrem-se a "Cigarra"; a "Manchete"; "Fatos & Fotos", dos irmãos Bloch; "O Mundo Ilustrado"; "Senhor", lançada pela Editora Delta no final da década de 50 foi, sem dúvida, uma publicação de raro bom gosto e alto padrão jornalístico. Finalmente, não podemos deixar de considerar que com o aparecimento de "O Pasquim" promoveu-se uma verdadeira revolução em nosso meio jornalístico, pelas inovações de forma e conteúdo lançadas pelo tablóide que inegavelmente fundou a imprensa alternativa no Brasil.

O JORNALISMO AQUI

Antes e depois do arrojado empreendimento de Silvino de Azeredo, fundando em 1917 o CORREIO DA LAVOURA nesta cidade, que acabava de mudar o seu nome — Maxambomba — para Nova Iguaçu, dezenas de jornais aqui surgiram e desapareceram, muitos de circulação efêmera, um, dois, três, quatro, ... números apenas.

Após o CORREIO DA LAVOURA, isto é, há mais de meio século, citam-se os principais periódicos iguaçuenses que circularam e hoje não existem mais, referindo-se ao sistema, ao ano de sua fundação:

O QUENINO (1926), jornalístico crítico, de Pedro M. Silva e Adolfo Arruda.

COLABORA DE IGUAÇU (1926), de Joaquim Rosier.

NILOPOLIS-JORNAL (1926), de Esneato Cardoso, MUNICIPIO DE IGUAÇU (1927), de Américo Vespúcio.

A CRITICA (1928), literário, crítico e noticioso, de Avellino Martins de Azeredo e Sila Filizola. Este jornalzinho, na segunda fase, composto e impresso nas oficinas do Correio da Lavoura, circulou ininterruptamente durante dez anos.

14 DE DEZEMBRO (1931), órgão da corrente política de Getúlio Moura, inicialmente sob a direção de Silvino de Azeredo.

CORREIO DE IGUAÇU (1931), órgão político de Mário Guimarães e Silvino Goulart.

ALVORECER (1931), órgão oficial do Colégio Leopoldo.

REAÇÃO (1932), de Nilópolis, sob a direção de Floriano Mendes.

RAIO DE LUZ (1933), órgão oficial do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade.

GAZETA DE IGUAÇU (1935), do Tenente Oberland Farrula.

O POVO (1947), órgão político do PSD, inicialmente sob a direção de Gilberto Alves dos Santos.

A OPOSIÇÃO (1950-1ª fase), órgão político da UDN.

CORREIO DE MAXAMBOMBA (1955), de Paulo de Lima Brayner.

DIRETRIZ ESPORTIVA (1959), de Ayrton Carvalho.

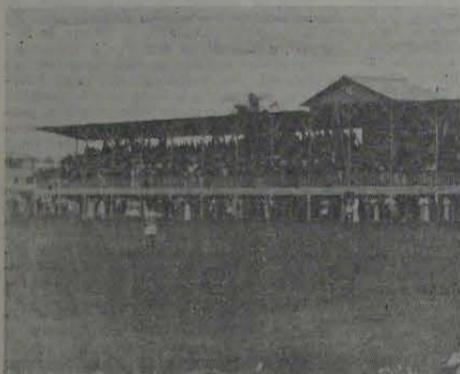
O JUBILEU (1962), de Ademar Moscoso.

Entre as revistas principais, vale mencionar IGUAÇU-NEWS (1968), de Valcyr Almeida.

... COSTA
... FELIZI
... ANÁLISES CLÍNICAS
... CRM-RJ 797
... CRM-RJ 1983/S
... PEREIRA CRM-RJ 838
... OS PELO INPS
... LAVOURA, 37 - Tel. 2212
... PARACAMBI
... Av. dos Operários, 313
... Fone 2216
... NEGÓCIO
... Fluminense com todos os
... de contrato de 5 (cinco)
... 431 - Nova Iguaçu

ESPORTES

Iguaçu e Filhos resumem a história do futebol iguaçuano



O velho campo do Iguaçu, onde grande e memoráveis partidas foram realizadas, nos bons tempos do futebol. Hoje, no mesmo local, está instalado o ginásio de esportes, a piscina e a sede social do ECI, na Rua Otávio Tarquino.



Geração (E), Silvino (C) e Sanchô Moura Sá (D), formaram um dos melhores trios defensivos do Iguaçu na década de 30.

Nova Iguaçu conta com um dos mais antigos clubes de futebol do Brasil e seguramente o mais antigo da Baixada Fluminense, o Esporte Clube Iguaçu. Fundado nos tempos heróicos do início do futebol no País, o E. C. Iguaçu viveu momentos de glória, de atribulações e de dissensões sérias como aquela ocorrida em 1928 e que deu origem à Associação Atlética Filhos de Iguaçu, que viria a ser mais tarde o grande rival do ECI em memoráveis partidas futebolísticas do passado.

Desta forma, Nova Iguaçu recorre à sua própria maneira a dissidência ocorrida anos antes no Rio de Janeiro, quando um time inteiro do tradicional Fluminense se rebelou e fundou o que seria mais tarde o mais querido clube do Brasil, o Flamengo. Assim como no Rio, o encontro das duas equipes acabou por constituir na maior festa de torcidas do campeonato carioca, em Nova Iguaçu, quando por força da tabela encontravam-se o Iguaçu e os seus Filhos, o acontecimento monopolizava as atenções de toda a cidade.

Eram discussões acaloradas, vultosas apostas, muitos elogios aos atletas, moças desfilando e amadurecendo os craques, convertendo o espetáculo esportivo num importante acontecimento social. Os comentários começavam uma semana antes do jogo e só acabavam vários dias depois de sua realização.

ESPORTE CLUBE IGUAÇU

O EC Iguaçu nasceu na Avenida Santos Dumont, onde hoje está sediada a AA Filhos de Iguaçu. No local, entre gigantes eucaliptos, erguia-se um sólido casarão, residência da família de Ptolomeu Trindade, um dos principais incentivadores da ideia de se criar um clube de futebol.

Ptolomeu, com seus irmãos Nelson e Galvani, conseguiu reunir Enéas Alarcão, Jorge Bastos, Dino e Alarico Melo, Artur Sales Teixeira, Benjamim Chambarelli, Silvino, Silvino, Estácio e Avelino de Azeredo, Eugênio Santana Leite e outros. Adquiriram esses idealistas uma área na Av. Marechal Floriano Peixoto e lá construíram a primeira praça de esportes do Iguaçu Futebol Club (era esse o seu nome na época), e a inauguraram no dia 17 de novembro de 1912 com o seu primeiro quadro de atletas constituído por Ptolomeu, Nelson, Galvani, Vergílio Fredighi, Jorge Bastos, Eugênio, Silvino, Estácio, Avelino, Artur, Benjamim, Dino, Alarico, Rogério Galvão, Norival Chaves, Salino Cruz, Antonio Machado e Antonio de Trindade.

ÉPOCAS DE GLÓRIAS

Pelos idos de 1920, Ptolomeu voltou a residir no Rio de Janeiro, mas, ainda sem a presença de seu grande incentivador, o Iguaçu, que mudara a designação para Esporte Clube Iguaçu, conheceu grandes momentos no futebol iguaçuano e na atividade social, transferindo a sua sede da Rua Capitão Chaves para a Praça Ministro Seabra, hoje Praça da Liberdade. Nesta época o Iguaçu deixou patente toda a sua pujança, fazendo desfilar pelos seus quadros, quer de atletas, quer de diretores, figuras realmente expoentes, como Nicolau Rodrigues da Silva, José Eleutério de Barros, José e Ernesto Moreira, Valdemar Gredilha, Jovelino Barbosa, Tomaz Ribeiro Lopes, Hipólito Paqueta, Joaquim Maldonado, Bernardino Grimaldi, José Batistoni, Gentil de Carvalho, Antonio Gonçalves Pereira, Henrique Santos, Nelson Marcos Belém e outros. Entre os atletas cumpre destacar pelo menos Ricarti, Adriano, Belmino, Gentil, Pedrinho, Djalma, Gaião, Tião, Edgar Melo Pastor, Adolfo, Cristóvão, Artur Silva, Álvaro, Odou, Damião, Alencar, Totoque, Soma, Manambomba e Edgarzinho.

MOMENTOS DIFÍCEIS, MOMENTOS FELIZES

O ano de 1925 foi um dos mais difíceis para o alvinegro iguaçuano pois perdeu a sua praça de esportes, local de grandes e memoráveis espetáculos. Entretanto a dificuldade foi superada pelo dinamismo do Cel. Nicolau, que inaugurou a 9 de outubro de 1927 seu próprio estádio na Rua Otávio Tarquino, que foi utilizado durante anos na prática do futebol; neste mesmo lugar ergue-se hoje a majestosa sede social do clube e seu ginásio de esportes. Por essa época eram destaques no

quadro de futebol entre outros Gaião, Edson, Rosário, Nelson, Gaião, Silvino, Rui, Silvino, Floriano, Binho e Cristóvão. Este último e Gaião brilharam no futebol carioca chegando a ser campeões pelo CR Flamengo. Não tudo era dificuldade. Em 1935, Sanchô Moura Sá ganhou vultosa aposta para a época (quinhentos mil réis) acertada com Manoel de Andrade por não deixar que Preguinho, atacante famoso do Fluminense e da Seleção Brasileira fizesse um só gol no ECI. Quando da inauguração dos melhoramentos em seu campo da Otávio Tarquino, o ECI recebeu a visita do Bangu de quem sofreu terrível goleada (7 a 1). No dia 4 de novembro de 1945 o rubronegro carioca prestou significativa homenagem ao ECI, entregando naquela ocasião um título de sócio benemérito no prestigioso craque Gaião.

FILHOS DE IGUAÇU

Nascida de uma dissidência dentro do EC Iguaçu, a Associação Atlética Filhos de Iguaçu iniciou suas atividades a 1.º de junho de 1928, sendo seu primeiro Presidente Belmino Vieira. Depois deste vieram, por ordem, Enéas Pereira Belém e Severo dos Santos. Inúmeras figuras iguaçuanas passaram pela direção do Filhos de Iguaçu como Silvino Sampaio Diniz, Antonio Carlos, Gaspar José Soares, Athayde Bittencourt, Arthur Rabelo, Luiz Soma e Alfredo Soares. A estes pedem-se somar outras grandes personalidades esportivas como Nerezo d'Almeida Ramalhada, Alvaro Vera, Rissiani Elias José, Euclides Gonçalves Pereira, Antonio Nunes de Almeida, Eurico Cortes.

A fundação da AA Filhos de Iguaçu se deu no depósito da Vidraria da Matriz, de propriedade de Belmino Vieira Fernandes e que ficava na Avenida Marechal Floriano Peixoto, n. 9—A, atualmente 2.191. Naquela data (1.º de junho de 1928) foi também eleito o primeiro diretor do clube, contando com Moseyra Boga (Secretário), Silvino Sampaio Diniz (Tesoureiro), Arthur Rabelo (Diretor de Esportes) e Arlindo (zelador), além de Belmino Vieira Fernandes, que foi o primeiro presidente.

COMEÇO DE VITÓRIAS

O primeiro jogo disputado pela AA Filhos de Iguaçu foi contra o Vera Cruz FC, de Anchieta, e marcou também a sua primeira vitória. O resultado foi 4 x 1 para o clube estroante que jogou com a seguinte formação: Luca, Rogério e Edson; Oswaldo, Silvino e Floriano; Athayde, Alfredo, Binho, Mezinho e Helinho. Os tentos foram assinalados por Binho (2), Silvino e Mezinho.

No dia 17 de maio de 1931, a AA Filhos de Iguaçu fazia inaugurar o seu primeiro campo, localizado na Estrada da Posse, hoje Roberto Silveira. O lugar em comêncio na época como Aço Fino ou Triângulo. No dia da inauguração, os Filhos de Iguaçu jogaram contra o Adélia FC, de Engenho de Dentro, mas a partida terminou sem abertura de contagem.

Um dos maiores feitos da AA Filhos de Iguaçu foi a conquista do título de Campeão do Centenário, em 1933. O troféu foi entregue pelo Dr. Sebastião de Azevedo Nogueira, então Prefeito Municipal. A vitória foi comemorada com muita festa e até hoje os desportistas da velha guarda lembram com detalhes a euforia da vitória dos Filhos de Iguaçu.

GRANDES FIGURAS

Em seu quadro de atletas o alvirubro teve verdadeiros craques, muitos dos quais prosseguiram sua carreira iniciada na cidade do, laranjeis em clubes famosos da capital federal e de outros Estados. Pode-se destacar vitoriosos craques como Altair (Coca), Alcei (Goiás), Antonio Costa (Totonho), Almirô, Astrobela, Benedito, Djalma, Filhinho, Sanchô, Sarrafó, Hermógenes, Mirandinha (Chalim), Mica, Bertolino, Max Rodrigues (Chalim), Mário Catraca, Adilson e Norival (que foram para o Fluminense), Mato Grosso (que continuou sua carreira no Estafago), Alfredo (oleiro), que foi para o Botafogo e Guaracy (também goleiro e que foi para o Fluminense).

BAZAR SÃO JOSÉ LOUÇAS E FERRAGENS LTDA.

Nesta data tem que o semanário CORREIO DA LAVOURA atinge a expressiva marca dos 60 anos de existência como veículo de opinião pública sempre atento aos problemas sociais política e culturais da cidade de Nova Iguaçu, não poderíamos deixar de nos congratularmos com toda a sua valorosa equipe, que tão bem tem sabido se conduzir no papel de fiel intérprete dos anseios da população iguaçuana.

Avenida Governador Amaral Peixoto, 292 — tel. 767-8508

CASA ADRIANINO

Delfim Maurício S.A. Indústria e Comércio

Associa-se aos diretores e colaboradores do CORREIO DA LAVOURA nas manifestações de júbilo pela passagem de tão auspiciosa data para a comunidade iguaçuana

Fogos de artifício — Caça — Pesca — Instrumentos musicais — Loteria Esportiva

Rua Getúlio Vargas, 8 (em frente ao Rodoviário) — tel. 767-4802 — Nova Iguaçu — Estado do Rio

FUNDADOR
Silvino de
Azevedo

Vereador
ma

TEMPO

Estrada d
até

A alma na